

EDITORIAL

É com imensa alegria e satisfação que *Trilhas Filosóficas* fecha 2019 com chave de ouro! O motivo central desse espírito de júbilo se deve, sobremaneira, à edição comemorativa dos 130 anos de nascimento de Gabriel Marcel (1889-2019), pensador francês, de quem cuja obra impactou consideravelmente o cenário das ideias desde o início do século passado. Os textos aqui reunidos, redigidos por pesquisadores nacionais e internacionais, marcam, indelevelmente, o tom pujante dessa celebração!

É assim que o Dossiê inaugura com o texto *Em Il pensiero vivente. A 130 anni dalla nascita di Gabriel Marcel*, da pesquisadora italiana **Iolanda Poma**. Ela examina no tema marceliano sobre a experiência da morte seu entrelaçamento indissolúvel com a vida. O binômio da vida-morte, como aqueles entre o ser-ter e o problema-mistério, apresenta uma dinâmica de implicação mútua, de dependência mútua, entre termos diferentes, mas necessários um ao outro. A morte é como a misteriosa realidade do amor ou do nascimento: elas estão localizadas no coração da experiência e produzem uma transformação íntima da existência e a contínua germinação do pensamento. O segundo artigo, do pesquisador argentino **Martín Grassi** intitulado *Existence as belonging: the existentialism of Gabriel Marcel*, faz o balanço sobre o quanto o existencialismo é geralmente considerado uma filosofia da auto-afirmação individual. No entanto, a filosofia existencial de Gabriel Marcel enfatiza o pertencimento (participação) e a comunidade como os conceitos centrais a fim de melhor se compreender a existência humana. A existência humana pertence ao mundo, a outros seres, ao próprio ser e ao transcendente. No terceiro artigo, *Marcel lecteur de Sartre en 1946*, **Hélène Politis** acuradamente examina a relação Marcel/Sartre via também a conferência de Marcel, de 1946: “A existência e a liberdade humana em Jean-Paul Sartre”, em que este, acaloradamente, discute algumas teses sartrianas. A autora, então, constrói a sua exposição a partir de três partes fundamentais: a primeira parte resumirá a história dessas relações, enquanto a segunda parte comentará os pontos mais importantes da conferência de 1946. Uma terceira parte ampliará o questionamento, sem pretender trazer uma conclusão final quanto ao significado metafísico final do desacordo entre Gabriel Marcel e Jean-Paul Sartre. **José André Azevedo**, em *Do cogito ao credo: a filosofia de Gabriel Marcel como preambulum fidei*, mostra, nesse quarto texto, que crer é o ato que expressa não apenas uma conclusão lógica de uma formulação, mas a adesão plena, consciente e livre da totalidade de nosso ser àquilo que nomeamos “Deus”. Trata-se, pois, de um

EDITORIAL

esforço humano, mas, igualmente, de um ato da graça. A fé é, portanto, relação profunda entre *cogito* e *credo*. O artigo então se foca na percepção acerca dos limites entre o que é possível conhecer e afirmar de Deus, a partir da razão, de modo específico desde a filosofia do mistério de Marcel. Já, no quinto trabalho, **Ezir George Silva** reúne, em *O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico*, textos dramaturgicos e filosóficos de Gabriel Marcel que versam acerca da condição existencial de homens e mulheres que viveram os tempos sombrios do século XX. Trata-se de avaliar em que medida o drama e a reflexão permitem uma abordagem de preocupações, conceitos, visões e temas caros ao autor, entre os quais a distinção entre saberes absolutos e intuições filosóficas ou entre ser e mistério. O sexto artigo, *Uma aproximação à ideia de democracia a partir de Gabriel Marcel*, **Paulo Alexandre Marcelino Malafaia** apresenta a noção de democracia na obra de Marcel com levando em conta o contexto ideológico já desde o início do século XXI. É o que Marcel avalia, essencialmente, em “Les hommes contre l’humain”, de 1951, como uma obra que, ainda nos tempos atuais, ressignifica o fenômeno democrático. O sétimo ensaio, *Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si-mesmo*, **de José Manuel Beato**, busca articular a injunção de Píndaro “Torna-te naquele que és” com a máxima de Gabriel Marcel “ser é estar a caminho”, de modo a elucidar a noção e discernir o sentido da “itinerância existencial” no seio da reflexão do filósofo francês. Diríamos que à pergunta nuclear da “ontologia concreta” marceliana “o que sou?” pode responder-se através da referida exortação, de origem pindárica, retomada e comutada, quase insensivelmente, numa atestação. **Claudinei Aparecido de Freitas da Silva**, no ensaio oitavo, *Entre o ascetismo e a kolakeia: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual*, reconstitui a partir das reflexões de Gabriel Marcel, a figura do filósofo, nos tempos atuais. Esse retrato revela um diagnóstico paradoxalmente sintomático: por uma parte, o filósofo é investido de um ideal ascético no qual ele se “retira do mundo” sendo, não raras vezes, visto como “lunático”, “guru”, ou, até mesmo, “profeta”; de outra, ele aparece como alguém afeito à *kolakeia*, à lisonja, cuja caracterização mais emblemática é a do “intelectual pop” que atende qualquer apelo midiático ou, às cegas, adere certo ativismo político. Para além desses polos viciosos, Marcel abre uma terceira via em que o filósofo possa, além de manter-se autocrítico e prudente à toda forma de fanatismo, responsabilizar-se humanitariamente. O nono texto é um verbete incluso na Enciclopédia Filosófica de Gallarate (Bompiani. Milão, 2006), sob a coautoria de **Pietro Prini** (1915-2008) e de **Franco Riva**. Tal trabalho consubstancia numa acurada síntese de pensamento e interpretação, operando com três temas centrais do ponto de vista de um “método do inverificável”: a filosofia da existência em reação ao racionalismo; o mistério ontológico que vê na tensão entre problema e mistério uma potencial superação do conflito entre olhar epistemológico e participação e, em terceiro, a relação ter e ser. Franco Riva ainda

EDITORIAL

ênfatiza uma perspectiva fenomenológica e hermenêutica, que está presente na obra marceliana e seu profícuo diálogo com Heidegger, Sartre, Ricoeur, Buber e Pareyson, num horizonte dialógico tendo em vista a questão da alteridade. No décimo artigo, **Marcos Érico de Araújo Silva** e **Iraquitã de Oliveira Caminha** avaliam a ideia do que significa filosofia e a consequente crítica marceliana de uma determinada forma de se estudar e lecionar a história da filosofia. O artigo intitulado, a saber, *A filosofia concreta de Gabriel Marcel: por uma filosofia da história da filosofia e seu ensino*, é construído, sobretudo, a partir da análise do capítulo *O que se pode esperar da filosofia?*, da obra *Pour une sagesse tragique et son au-delà* (1968) de Gabriel Marcel. Assim como Marcel já constatava a necessidade de uma *filosofia* da história da filosofia, para não recair numa exposição de uma multiplicidade de filósofos, um ao lado do outro, como numa “vitrine” que expõe produtos à venda, da mesma forma e radicalidade, defendem os autores, é preciso pensar e fazer uma *filosofia* do ensino da filosofia.

A próxima seção é a de **Resenha**. Nela, **Ezir George Silva** recenseia a recente tradução realizada por Claudinei Aparecido de Freitas da Silva dos *Fragments Filosóficos (1909 - 1914)* de Gabriel Marcel com acréscimo de “*As condições dialéticas de uma filosofia da intuição*” editados pela Edunioeste de Cascavel-PR, em 2018. Os *Fragments*, por meio dessa segunda edição idiomática que não seja o francês, revivem Marcel em sua plena juventude, aos vinte anos de idade, despontando como um pensador influente ao pôr, em relevo, as questões capitais que nortearão a tradição fenomenológico-existencial como o tema da encarnação, do corpo, da liberdade, da finitude, da transcendência. Trata-se de um material significativamente decisivo para se, enfim, adentrar na obra e no pensamento marceliano.

Por último, a terceira seção corresponde a três importantes **Traduções**. As duas primeiras traduções são assinadas por **Luiza Helena Hilgert**. A primeira refere-se à Carta dirigida por Sartre a Marcel, por ocasião da publicação de *O ser e o nada*, em 1943. Nela, Sartre reconhece o devido débito para com a obra de Marcel, sobretudo no tocante à noção de situação. A segunda tradução é o belíssimo comentário *A relação entre Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel: “o ponto de divergência é mesmo a questão de Deus”* da pesquisadora francesa Anne Verdure-Mary. Nele, Verdure-Mary projeta o alcance dessa correspondência trocada entre os filósofos a partir do exame sintomático que mais propriamente os diverge: a problemática de Deus. Por fim, o terceiro texto traduzido por **Paulo Alexandre Marcelino Malafaia** versa sobre a conferência *Nosso ponto de interrogação* proferida por Marcel no célebre Colóquio Filosófico Internacional de Royaumont dedicado a Nietzsche no período de 4 a 8 de julho de 1964. Nele, Marcel retoma o caro tema nietzschiano em torno da morte de Deus, imprimindo, na contramão da

EDITORIAL

leitura de Heidegger e Sartre, uma perspectiva existencial mais trágica e, portanto, fecunda quanto ao espírito do autor de *A gaia ciência*.

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE)
Editor convidado da *Trilhas Filosóficas*

***Responsável pelo Dossiê em Comemoração
aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel***